



Bruges tomada do lado do canal

Apresentamos aos nossos leitores uma vista da cidade de Bruges tirada do lado do canal que a banha. Além do canal, que occupa o primeiro plano, vêem-se alguns edificios de telhados angulosos, curiosas reliquias dos seculos passados e que contrastam de um modo tão pittoresco com as casas construidas ao estylo moderno; e mais longe ainda surge o cimo elevado da torre do Belfroy, que o viajante descortina de qualquer ponto em que se ache, e na qual estão postados, dia e noite, os encarregados da vigilancia e segurança da cidade.

Para ir de Gand a Bruges ha tres caminhos diferentes a seguir: pelo canal, por terra, costeando este, e pela estrada, que é affastada do canal. O segundo é geralmente transitado pelas classes mais pobres, e por leves cabriolets. Pelo ca-

nal é a jornada mais commoda, e até mais agradável, e é frequentemente seguido pelos que não têm vehiculo seu. O transporte é feito por meio de barcas (especie de gondolas) dentro das quaes se encontra todo o confortavel necessario. Não só se está ali á vontade, como se poderia estar em casa, podendo escolher logar entre as diversas camaras, muito commodas, duas das quaes são reservadas para pessoas de mais distincção, mas tambem, se pôde variar de gosos e prolongal-os segundo a satisfação que se experimenta com as companhias que ali se encontram, e quem não quer entreter-se a conversar pôde entregar-se a qualquer outra distracção, podendo ler e escrever porque as camaras são guarnecidas de mezas e cadeiras almofadadas. O jantar é servido com abundancia e com um aceio irreprehensivel, po-

dendo os viajantes tomar, a qualquer hora, vinho, cerveja, bebidas quentes, etc., por preços razoáveis.

Ha muita gente que, simplesmente por passar um dia de recreio, vae de Bruges a Gand e vice-versa.

Uma vantagem que esta barca offerece ao viajante, e que não se encontra em qualquer outro vehiculo publico, é que o jantar não retarda um só instante a marcha, visto que todo o tempo da refeição os cavallos não cessam de *tirar* a barca, seja a passo largo, se caminha contra o vento, seja a trote, mais ou menos apressado, se têm o vento a favor, o que muito contribue para que a viagem seja mais rapida por permittir o uso da vela.

Não cabe no acanhado espaço d'um artigo falar mais de largo sobre este assumpto; resumiremos dizendo que a cidade de Bruges, outr'ora opulenta com a magnifica corte dos Condes de Flandres, fundadores da Ordem do Tosão de Oiro, tem ricos monumentos, tanto civis como religiosos, e foi de grande actividade commercial; mas nos nossos dias acha-se em estado de abatimento, sem duvida devido aos immensos revezes de fortuna porque passou, sendo um dos principaes, os numerosos assedios que teve de sustentar.

#### BREVES ENUNCIADOS ACERCA DE DUAS BEBIDAS EXCITANTES NÃO FERMENTADAS — O CAFÉ E O CHÁ

Não são as bebidas menos importantes que os alimentos, e o seu abastecimento e pureza; mormente quanto ás de primeira necessidade, que tão poderosamente influem na saude dos povos.  
SR. J. J. DE MACEDO PINTO.

(Continuado de pag. 3)

As falsificações que o chá soffre consistem: na substituição das folhas pelas de outras plantas, — e no emprego de materias colorantes, para darem a cor das variedades mais estimáveis. — «O chá preto, tinto com páo de campeche, dá uma infusão de cor preto-azulada, que se torna roxa, lançando-se-lhe algumas gotas de acido sulphurico, ao passo que o verdadeiro chá preto apresenta nestas circumstancias cor de ambar. A infusão do chá verde corado com saes de cobre, ensaiada pelo ammoniaco, presenta cor azulada, o que não acontece com o chá genuino. Sowerby nota que, para augmentar o peso do chá, usam misturar uma especie de areia ferruginosa com as folhas frescas da planta antes de as enrolarem. Outra sophisticação, e talvez mais frequente, sobretudo em Inglaterra, consiste em seccar as folhas que já serviram, ou que estão privadas da theina, enrolal-as por meio de ligeira torrefacção, e depois de preparadas com gesso e anil, aromatisal-as com substancias, cujo cheiro imita o do chá.» Em Inglaterra, França, e outras partes, são preparados varios compostos para simular o chá da India, empregando folhas de certas plantas, misturadas com substancias prejudiciaes á saude. As folhas empregadas para estas falsificações, são as de ameixeira silvestre, freixo, sabugueiro, *epilabium angustifolium*, salgueiro e outras plantas ligeiramente adstringentes, e de folhas de fórma semelhante ás do chá; e as substancias com que as misturam, são o

gesso, anil, indigo, chromato de chumbo, azul de Prussia, etc. As folhas de pilriteiro preparadas com saes de cobre, ou com páo campeche, que lhes dá a cor verde ou preta do chá, é a fraude mais frequente deste genero. (1)

— Já vimos qual era a opinião do auctor da *Topographia medica de Lisboa*, Santos Cruz, a respeito do chá: vejamos agora a de Mello Franco.

Admitte-se facilmente, e é natural que os chinezes façam largo uso do chá, pois que necessitam de corrigir as suas ruins aguas com o cosimento ou infusão de algumas plantas, — e nenhuma lhes surtio tão bem como a do chá. — Mas que todos os outros povos, em mui diversas circumstancias, vão depositar nas mãos dos chinezes immensos thesouros, a troco de um genero, que em vez de ser necessario, é antes nocivo... eis o que parece incrível!

Se fosse necessario dar uma prova do irresistivel imperio do habito e dos exemplos, nenhuma por certo poderíamos apresentar, que tão significativa e conveniente fosse, como a da generalisação do tabaco, e do chá. Antes do descobrimento da America, e da navegação para a India, não faziam os europeus uso do tabaco, nem do chá; ao passo que não podem hoje dispensar-se — nem de uma, nem de outra cousa! Os dois vegetaes, que em nada augmentaram a felicidade dos povos, têm sido parte para que ha quasi tres seculos se sacrifiquem vidas e cabedaes sem conto á sua acquisição em regiões longinquas.

Estas e outras considerações, que eu apresento resumidamente, faz Mello Franco, independentemente da exposição dos inconvenientes naturaes da bebida, de que ora tratamos; e afinal apresenta conclusões, que de todo o ponto estão em harmonia com as do sr. Macedo Pinto.

— «Como pois, diz Mello Franco, se ha de crer, que uma bebida desta natureza possa em Portugal, e em paizes semelhantes ser util a todos, e em todas as estações ou sejam quentes, ou frias, seccas, ou humidas, sendo principalmente tomada com excesso? O temperamento geral dos portuguezes he bilioso e irritavel, com que não quadra uma bebida estimulante, adstringente, e nervina, que se toma quasi fervendo. O sexo feminino portuguez, tão disposto a tantas queixas hystericas, como deixará de sentir os máos effeitos deste abuso? Nós o vemos a cada passo: nem nos tragão o exemplo dos chinas obrigados pela necessidade a corrigir com chá as suas aguas impuras, sendo aliás dotados de um temperamento froxo, e apathico: nem tão pouco o dos hollandezes, que vivem em um paiz pantanoso, e em uma atmospheria sempre humida, cujo clima os faz sobremaneira lymphaticos, pituitosos, e escorbuticos.» —

Que fazer em tal caso? Será esta a causa unica da degeneração physica em Portugal? Serão ambos os sexos igualmente prejudicados pela bebida do chá? — A estas perguntas responde Mello Franco do seguinte modo:

— «Seria bom, e muito para desejar, que tal uso se desterrasse d'entre nós. Lucrariamos conservar no nosso paiz já exausto incalculavel cabedal: e sobretudo lucrariamos não ver degenerada a forte, e animosa raça portugueza. Não ousamos

(1) Vêja — *Medicina Administrativa e Legislativa* do sr. Macedo Pinto.

dizer, que esta he a só causa da nossa progressiva decadencia; mas não duvidamos asseverar, que he uma das principaes; porque conhecemos e temos conhecido muitas pessoas, em particular do sexo feminino, que quasi se alimentão todo o anno de chá, e pão com manteiga. Serão acaso estas senhoras debeis, e inevitavelmente hytericas, as mães afortunadas de filhos vigorosos, que a seu exemplo são da mesma maneira educados? Seria um prodigio na inalteravel ordem da natureza.» —

Mello Franco declara que não aspirava a ver desareigados os habitos dos portuguezes neste particular; mas contentar-se-hia com uma discreta reforma no uso geral do chá. (2)

— Mas, neste particular, quiz eu tambem consultar uma obra, na qual encontrasse indicações debaixo de um ponto de vista commercial; sendo particularmente o meu proposito inquirir, se tambem os escriptos, que se occupam da especialidade do commercio, mencionam as falsificações do chá.

Eis aqui o que uma obra muito séria, e rica de noticias, diz a tal respeito:

— «É bem sabido que os chinezes não capricham de ser cabalmente leaes, e ninguem se espanta de ouvir dizer que os continuos pedidos de chá — ao imperio celeste — provocam numerosas fraudes. Misturam qualidades inferiores com as de melhor escolha; introduzem no chá as folhas de diversas arvores; empregam substancias mineraes para augmentarem o pezo, ou para simularem as qualidades mais subtilas. Para simularem o youn-hyson, cortam em bocadinhos muito finos as folhas do chá inferior, e os peneiram com maior cuidado. Graças ao azul de Prussia, ao gesso, ao chromato de chumbo, ao indigo, etc., transformam o chá preto em chá verde, Com a herba-ruiva, e saes de cobre, empregados em pequena quantidade, dão uma bella côr ao chá verde. Officinas ha onde está levada á maior perfeição a arte de simular as melhores qualidades de chá, e dar boa apparencia aos chás avariados. — É pois muito importante adquirir a certeza da qualidade do que se compra, e não se ater de modo algum aos chinezes. A apreciação da qualidade dos chás demanda uma longa pratica, e muitas tentativas e ensaios. Cumpre saber distinguir as diversas especies, apreciar o merecimento das amostras, e julgar se são convenientes ao mercado que se deseja abastecer. Nas casas europeas, que em ponto grande negociam em chá, existem laboratorios, onde este genero é provado, experimentado e apreciado: o gosto, a côr, o cheiro são, da parte dos *tea-tasters*, objecto de um exame tão attento, tão escrupulosamente minucioso, como aquelle a que são submettidos em Franca os grandes vinhos da Gironda, ou da Borgonha.» — (3)

A exportação do chá, da China para diversos paizes do globo, não será menor, uns annos por outros, de setenta milhões de kilogrammas; figurando os maiores consumidores na seguinte ordem: Inglaterra, Estados Unidos, Australia, Hollanda, Allemanha, India, Franca, etc.

Sabido é que em toda a Inglaterra, e particularmente em Londres e nas grandes cidades, to-

das as classes da população estão no habito de tomar chá muitas vezes por dia, ou por occasião das refeições, ou fóra dellas.

E, comtudo, a bella raça anglo saxonia não parece ter perdido muito — no que respeita á saude, ao vigor, e á duração da vida — com um tal genero de alimentação.

É possivel que a natureza do clima, e a alimentação muito substancial daquella raça, corrijam um tanto os inconvenientes que se apontam contra o uso do chá; mas o facto é que nenhuma outra raça existe no mundo, que se lhe avante em vigor physico, em energia, em actividade.

Depois da Inglaterra, são os Estados Unidos quem faz maior consumo de chá; com a differença de que, na Inglaterra predomina o uso do chá preto, nos Estados Unidos o do chá verde.

No que respeita á Franca, cumpre notar que ha uns trinta annos a esta parte se tem desenvolvido o consumo do chá. De 1827 a 1836 não chegou o consumo medio a *cento e vinte mil* kilogrammas; ao passo que já em 1859 subio a 284:136 kilogrammas; e tem subido desde a promulgação da lei de 23 de maio de 1860.

— Tenho apresentado uma serie de noticias, de natureza diversa, relativamente ao chá.

Falta-me a auctoridade para tirar conclusões; e apenas julgo que me é permittido ponderar: 1.º que a moderação no uso de tal bebida é um bom conselho hygienico; 2.º que os homens da sciencia devem generalisar o conhecimento das indicações e processos mais faceis — para se conhecer a falsificação que por ventura exista no genero que se compra. JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

## LONGEVIDADE

Hufeland, na sua obra intitulada: *Arte de prolongar a vida do homem*, avança a dizer que o homem nasce com uma organização que lhe permite viver dez seculos. É sabido que um animal subsiste oito vezes mais tempo do que elle carece para o seu completo desenvolvimento; ora o homem chega, em geral, á sua perfeição physica na idade de vinte e cinco annos, o que lhe assigna uma duração de duzentos annos.

Estas considerações são confirmadas por numerosos e authenticos exemplos de pessoas, que tem prolongado a existencia até seculo e meio e mais.

Em 1670, Henri Jenkins morreu de cento e sessenta e nove annos, no condado d'York, em Inglaterra; de doze annos tomou parte na batalha de Floddenfield, e duas vezes fez juramento em juizo, com um intervallo de cento e quarenta annos.

Em 1815, Jean Bovin, polonez, viveu cento e setenta e cinco annos, deixando filhos de mais de cem annos; e póde ainda citar-se Joseph Surrington que morreu em 1797, n'um pequeno burgo perto de Berged (Noruega), com cento e sessenta annos; havia sido maire muitas vezes; o seu filho mais velho tinha cento e cinco annos e o mais novo, nove.

O facto mais notavel de longevidade que se tem citado é o de um preto que viveu duzentos e dez annos. Na Europa, a prolongação da vida não tem chegado a tanto. Na Inglaterra, Suecia, Noruega e Dinamarca são os paizes em que se

(2) *Elementos de Hygiene* — já citados.

(3) *Dictionnaire Universel théorique et pratique du commerce et de la navigation*. Paris. 1861. *vb. Thé.*

acham mais exemplos de longevidade, e mencionam-se como muito notáveis Thomas Parre que morreu de cento e cinquenta e dois annos; Essingham de Cornouailles, que pereceu de cento e quarenta e quatro annos; e Danois Drakenberg, que, depois de ter sido quinze annos escravo dos turcos, depois de ter servido noventa e um annos como marinheiro, falleceu em 1772, tendo cento e quarenta e seis annos. Em França, o homem que parece ter vivido mais tempo é o invalido, que morreu em Paris ha alguns annos, com cento e vinte cinco de idade, tendo assistido á inauguração da primeira estatua de Luiz XIV, na praça das Victorias. A Italia, Hespanha, Portugal, e Allemanha, e mesmo a Suissa são, como a França, pouco favorecidas a este respeito.

Os exemplos que temos referido tornam acreditáveis os que fornece a historia hebraica. Abraham viveu cento e setenta e cinco annos (é a idade de Jean Bovin); Isaac, cento e oitenta; Jacob, cento e quarenta e sete; Joseph, cento e dez; Moysés, cento e vinte; e este ultimo lastimava-se de que o homem, no seu tempo, só vivesse oitenta annos. Quanto aos antigos patriarchas, se se adopta a opinião dos sabios que suppõem o anno de tres mezes, os novecentos annos de Mathusalem reduzem-se a duzentos e vinte cinco; é certo, porém, que a frugalidade dos primeiros homens, os seus costumes simples, a sua vida nomada deviam contribuir para attingir uma idade muito avançada.

E de feito, não pôde negar-se que o modo de viver, a natureza das occupaões, o habito dos exercicios do corpo, a estada no campo, não tenham uma grande influencia sobre a prolongação da existencia; a historia dos eremitas e dos religiosos, sujeitos a um regimen severo, entregues á vida contemplativa, offerece innumerous exemplos de longevidade. S. Paulo, viveu cento e treze annos; Santo Antonio, cento e quatorze; Santo Anastacio e S. Jeronymo viveram além de oitenta.

Entre os philosophos da antiguidade, Xenophile attingio a idade de cento e seis annos; Dæmonax, cento e dez; Epimenide viveu, dizem, cento e cinquenta e sete annos; Georgias, cento e oito; Democrito, cento e nove; Zénon, cem; Isocrate, noventa e oito; e nos tempos modernos Kœpler, Bacon, Newton, Euler, Kant, Fontenelle, Voltaire, Young, Haller, morreram todos outogenarios.

Geralmente, poucas mulheres passam de cem annos, e o que ha de mais singular é que as actrizes fornecem o maior numero de exemplos de extrema longevidade; Luceia apparecia ainda nos theatros de Roma na idade de cento e doze annos; Galeria Capiala, oitenta annos depois do seu debute foi encarregada de comprimentar Pompeu, e tornou-se ainda notavel por occasião da coroação de Augusto; em França, a celebre Marion de Lorme attingio, dizem, a idade de cento e trinta e sete annos.

#### A RESTAURAÇÃO DO BRAZIL ESCRIPTA PELO GRANDE RACINE

(Continuação de pag. 32)

Os estados fizeram grande barulho, não ameaçando com menos, do que com exterminar o reino de Portugal. O povo de Haya quiz-se lançar sobre o embaixador d'este reino, e o principe d'Orange teve bastante trabalho para o livrar de suas mãos. Os ministros de França qui-

zeram accommodal-os dizendo, que os Holledezes e Portuguezes não deviam romper por esta causa, mas antes imitar os Francezes e Inglezes, que não deixavam de estar em paz na Europa, apesar de se acharem quasi sempre em guerra na Terra Nova, na America.

Mandaram os Holledezes uma esquadra ao Brazil, no principio de 1616, debaixo do commando de Baucher, almirante de Zelandia, ao qual elles nomearam almirante dos mares do Brazil e de Angola. Esta esquadra nada fez de importante, apesar de constar de 52 navios. A maior parte dos, que iam embarcados, morreram com as calmas, ou de doenças debaixo da linha, onde foram retidos por uma calmaria de 6 dias. O almirante Baucher foi despedido pouco tempo depois da sua chegada; e os estados, vendo que a companhia estava muito pobre, e não podia com esta guerra, emprehenderam sustental-a ao mesmo tempo em seu nome, á custa do publico.

No emtanto o embaixador de Portugal procurava na Haya, por suas negociaões, entretel-os, e impedir, que uma nova esquadra se fizesse á vela. Fazia varias offertas, que todas foram recusadas.

Esta guerra do Brazil foi uma das principaes rasões, que determinaram os estados a fazer paz com Hespanha. Com effeito fizeram comprehender no seu tratado com os Hespanhoes todos os lugares, que os Portuguezes tinham tomado aos Holledezes no Brazil, como lugares pertencentes aos estados.

A esquadra partio, e os Holledezes cercados no Recife, para fazerem uma diversão, mandaram o coronel Scop apoderar-se da Taparica, ilha a tres leguas da Bahia. Fortificou-se e defendeu-se ahi por muito tempo; mas, finalmente, foi obrigado a abandonal-a, no fim de 1647, depois de ter perdido muita gente. Chegou n'este tempo á Bahia a esquadra Portugueza. A Holledeza, na força de 32 navios e 4 mil soldados, chega ao Recife em 18 de março de 1648. Depois de terem descansado um mez, põem-se os Holledezes em campo, na força de 6 mil homens. Os Portuguezes, revoltados, debaixo do commando de João Vieira e André Vidal, os esperam firmes, apesar de não passarem de 2 mil homens.

Deu-se o combate em 19 d'abril, e os Portuguezes ganharam a batalha com grandes despojos. Perderam os Holledezes 1:200 homens, seu general Scop, por outro nome Sigismundo, que n'uma côxa foi ferido por um tiro de espingarda.

Continuaram os Portuguezes a tel-os encerrados no Recife, achando-se senhores de todos os fortes, que estavam na parte alta e baixa.

Por outro lado, a esquadra Holledeza, commandada pelo almirante Wieltens tinha a Portugueza fechada no porto da Bahia; porém, pelo mez de agosto, esta esquadra acha meios de sair, sem que os Holledezes dessem por isso.

No fim do mesmo anno de 1648 os Portuguezes tornam a tomar Angola aos Holledezes, fingindo o rei de Portugal desapprovar esta acção ao governador do Rio de Janeiro, no Brazil, por se fazer esta tomadia n'um tempo, em que se negociava um accordo entre as duas nações, a respeito dos negocios do Brazil; porque apesar de terem os Holledezes queixas contra os Portuguezes, não se resolviam aquelles a uma guer-

ra aberta: tanto temiam perder as vantagens, que lhes ganhava seu commercio com este reino! A provincia de Hollanda teimava principalmente em não romper com Portugal, e não queria que se praticassem hostilidades nos portos d'este reino, mas sómente no alto mar. Porém, finalmente, não tendo sido possível chegar-se a um accordo a respeito dos negocios, e a tregua de dez annos expirando a 11 de junho de 1651, retirase o embaixador de Portugal, e activa-se a guerra de ambos os lados. Comtudo passaram-se os annos de 1652 e 1653 sem hostilidade alguma na Europa, e sem alguma expedição consideravel ao Brazil. Por fim, no mez de janeiro de 1654, Francisco Barreto, que commandava os Portuguezes revoltados em Pernambuco, tendo recebido um pequeno soccorro da esquadra da companhia de Lisboa, que veio fundear perto do Recife, ataca todos os fortes, uns atraz dos outros, que se achavam em frente do Recife, e por fim accomette o proprio Recife, que lhe foi entregue com todos os logares, que os Hollandezes occupavam nas costas do Brazil, e se retiraram para a Hollanda com os moveis e objectos que lhes tinham concedido levarem, pela capitulação de 16 de janeiro de 1654.

M. BERNARDES BRANCO.



O chinchilla, ou doninha do Perú

A nossa gravura representa um pequeno animal roedor, ao qual os hespanhoes pozeram o nome de Chinchilla. É este bonito animal originario do Perú e do Chili, e torna-se muito notavel, e de grande estimação pela delicadeza da sua pelle. O pello é tão macio como a mais fina seda, farto e denso, mas tão leve, que facilmente se move ao mais brando sopro, e segue successivas ondulações; junto á raiz é todo preto, mas na extremidade tem uma mistura de preto e branco, — o que dá á pelle uma côr alvadia ondeada, da maior belleza. Assim succede, que a pelle da chinchilla tem muito maior valor que a da marta, e é muito mais estimada que a desta ultima.

Estes lindos animaes habitam as faldas das Cordilheiras no Chili e no Peru; e diz se que os antigos Peruvianos, mais industriosos que os modernos, fabricavam do pello dos chinchillas cobertas de cama, e estoffos de muito valor.

No Museu de Historia Natural de Paris estive-ram em 1833 dois chinchillas vivos, trazidos pelo official de marinha Durand.

São comprehendidos na grande familia, toda americana, que corresponde ao genero *cavia* de Linneu, a par das cotias e cobayas.

Como já dissemos, são estes animaes muito pequenos; têm de comprimento nove a dez pollegadas; e a cauda tem quasi dois terços do corpo. Tem a cabeça semelhante á do coelho; olhos grandes e pretos, as orelhas largas, redondas, afastadas, e sem cabello, bigodes compridos. A postura ordinaria destes animaes é sedentaria. Não se afastam muito das suas habitações, e ainda assim, sómente ao pôr do sol, quando o silencio da natureza lhes parece offerecer segurança.

São por extremo limpos; não tem cheiro ruim; e quando domesticos, são sobremaneira doces e mostram gostar muito de ser afagados.

Desejámos espriar-nos em descrever sob aspectos diversos estes interessantes animaesinhos, em presença dos escriptos que temos á vista; mas ser-nos-hia necessario tomar grande espaço nestas columnas; e em todo caso, o que fica dito é bastante para explicação da gravura que apresentamos.

#### HOSPITALIDADE E SOBRIEDADE DOS ARABES

Quando Volney partio da Europa para ir vêr o Oriente, demorou-se alguns mezes no Cairo, visitou a Syria e o Libano, passando algum tempo entre os Drusas; e assim que soube sufficientemente o arabe, aprendendo-o com os religiosos, atravessou o deserto munido de cartas para os chefes das tribus.

Chegado junto de um a quem particularmente tinha sido recommendado, offereceu a seu filho um par de pistolas, que accitou o presente com reconhecimento.

Logo que o chefe leu a carta que Volney lhe entregou, tomou-lhe as mãos e apertando-as nas suas disse: «Sê bem vindo, podes ficar connosco «o tempo que te aprouver. Despede o teu guia e «nós o seremos em todo o tempo que estiveres «em nossa companhia. Olha esta tenda como se «fôra tua, meu-filho como teu irmão, e tudo o «que nos cerca como se fosse do teu uso.»

Volney não hesitou em fiar-se do homem que se exprimia com tanta franqueza e bonhomia, e teve occasião de vêr quanto os arabes observam religiosamente as leis da hospitalidade. Passou seis semanas entre esta familia errante, partilhando dos seus exercicios e confarmando-se em tudo aos seus modos de viver. Um dia o chefe perguntou-lhe se a sua nação era longe do deserto, e dando-lhe Volney uma idéa approximada da distancia, disse-lhe aquelle:

— «Para que vieste tu aqui?  
— Para vêr a terra e admirar as obras de Deus.  
— «O teu paiz é bom?  
— Muito bom.  
— «Ha agua n'esse paiz?  
— Com abundancia; muitas vezes encontra-se a cada passo.

— «Ha tanta agua! exclamou o arabe maravilhado, ha tanta agua no teu paiz e tu deixaste-o!...

Volney tinha desejo de passar alguns mezes na companhia d'estes bons arabes; mas queria ainda viajar e correr mundo, e demais, e sobre-

tudo, era impossivel conformar-se a tanta sobriedade contentando-se, como elles, com tres ou quatro tamaras e um punhado de arroz por dia. Sofreu de tal modo fome e sede que afinal se sentia já de-fallecer. Eram com elle extremamente affaveis, é verdade, mas de dia para dia se achava mais magro, e por isso resolveu-se a deixar os seus hospedeiros de quem recebeu mil protestes de amisade. O pae e o filho acompanharam Volney até muito distante e não o deixaram senão depois de obterem a promessa de que tornaria a ir vel-os. A sorte, porém, não o quiz assim, o seu adeus foi o ultimo.

## UMA VELHA DE VINTE ANNOS

(Continuado de pag. 28)

### VI

O leitor não reparou ainda que estamos em 1857. A febre amarella enchia de terror os habitantes de Lisboa; e muitos dos alumnos da Universidade, especialmente ilheus e brasileiros, que durante ferias costumavam procurar os deleites da capital ou os do Porto, haviam preferido n'esse anno ficarem em Coimbra, enchendo o tempo em agradaveis diversões pelos arredores.

Foi a aldeiasinha de Luso, notavel já pelas suas thermas, o ponto escolhido, por algum tempo, para reunião de toda a mocidade ociosa das lides scientificas. Muitas familias de Coimbra e das terras circumvisinhas haviam affluido a banhos, e mal accomodadas em casas terreas e pequenas, que então não tinha o povoado o incremento que hoje a frequencia aos seus banhos lhe tem dado, outras habitando as estreitas cellas do convento do Bussaco, que lhe fica sobranceiro, passavam alegre e feliz vida, desataviada de todas as etiquetas, com que o mau gosto tem forçado a converter em pequenas côrtes os pontos frequentados no estio, ou para o goso dos deleites do campo, ou para o uso salutar dos banhos differentes.

Foram os estudantes quem haviam instituido o club, com severos estatutos no que respeitava a ostentação de trajos e atavios; foram elles ainda quem, por alta noite, haviam ido pôr letreiros todos poeticos e significativos nas viellas que formavam o arruamento da povoação; eram elles enfim que animavam e divertiam em perenne festa a quadra thermal d'aquelle anno.

Está desvendado o mysterio...

Escusado é dizer que á noite houve repetição do baile, tão animado e divertido como o antecedente... e como o haviam sido todos os anteriores.

Na sala, com grande espanto dos espectadores, apresentou-se um brasileiro de casaca azul e botões amarellas, que sobre uma calça côr de perola e collete branco lhe ficava mesmo a matar.

Era o brasileiro uma das borboletas, que mais doudejava em torno de Maria, desejoso de se queimar na luz suavissima d'aquelles olhos, mas sendo até alli repellido sempre, decedira tentar o lance supremo, para o que escolheu aquella occasião.

Encontrando Maria um pouco desviada do grupo das outras senhoras, acercou-se d'ella e curvou-se para lhe poder fallar mais ao ouvido, e

com gravidade solenne disse-lhe, com o seu amovavel entono brasileiro:

— D. Maria... sabe que ha muito morro de amores por si. Sou livre nas minhas acções; possuo em pretos e outros generos uma fortuna superior a quatrocentos contos, moeda forte, e venho offerecer-lhe a minha mão. Se quizer ser minha companheira na minha patria, viveremos na melhor xacara que tenho proximo do Rio, se preferir viver em França ou na Italia, será feita a sua vontade, se quizer antes não sair do seu paiz, a sua patria ficará sendo a minha patria.

D. Maria olhou para elle com um ar de compaixão e de nobreza, respondendo:

— Não brinquemos com coisas serias! Nem lhe quero para poder acceitar os seus offerecimentos, nem isso que me offerece é incentivo para querer-lhe...

— Sabe tambem, continuou o brasileiro já muito desconcertado, que sou barão de...

A menina deteve-se rapidamente com um gesto severo, receiosa talvez de ouvir o titulo do baronato em que sete *aa* entrelaçados com algumas consoantes ao acaso, faziam um nome capaz de ferir o tympano mais duro.

Estava n'esta situação o dialogo, quando um dos influentes na direcção do club se chegou ao desnortado amator, tomou-lhe uma das abas da casaca, e, mais veloz do que o raio, cortou-lh'a rente da cintura com uma enorme thesoura.

Estava cumprida a lei! Era aquella a pena imposta aos que ousassem transgredir os estatutos, entrando no club de casaca, ou de vestido de seda.

As senhoras colheram alli proveitosa lição... e não se fartaram de rir e applaudir com a turba o incidente tão divertido, que déra ao brasileiro o aspecto de um macaco assanhado.

Só duas mulheres não riam! Era D. Perpetua e Maria... os dois corações bondosos, que acima da hilaridade provocada pelo succedido, collocavam a posição triste e ridicula do pobre rapaz, tornado alvo dos escarneos de todos, e condoiam-se d'elle.

O baile seguiu animado e folgasão e a certas horas a turba gritou de novo:

— Á roda... todos para a roda, com o mesmo furor com que o povo romano gritaria no circo: — ás feras... todos ás feras...

Dançaram-se danças de roda, dançou-se o londum da Figueira, o malhão, o londum dos amuados, e todas as mais variantes choreographicas, que formam o variado repertorio de Coimbra e seus suburbios, danças chistosas e populares, em que os estudantes e as damas achavam deleites, que as contradanças e as valsas não podiam offerecer no ambiente campesino d'aquelle aldéa.

Findo o baile, D. Perpetua, Maria, Manoel de... e eu tivemos de trepar a encosta que nos distanciava do conventinho dominador da floresta. Offereci então o braço á respeitavel velhinha, para proporcionar a Manoel o prazer de sentir o de Maria apoiar-se no seu.

Lá uma boa alma sempre eu fui!

Correu alegre e animada a conversa durante todo o caminho; e tão linda e convidativa estava a noite, que foi proposto e acceite o alvitre de nos demorarmos alguns momentos a contemplar o adro do convento.

Manoel de... sentou-se ao pé de Maria e con-

versavam baixinho. A santa velhinha deixava ver no tremular dos labios que murmurava a prece da noite... e eu, que não ousava perturbar com palavras futeis, nenhum d'aquelles dois hymnos tão poeticos — o do amor e o da oração, o canticco da terra e o canticco do céu, concentrei-me em mim mesmo, e no proprio espirito achei assumpto para deleitosas contemplosões.

— Desculpe, Maria, disse Manoel erguendo insensivelmente a voz, ousei esperar muito... não sei porque! que merecimentos tinha eu para isso? Agora protesto-lhe pela mais sagrada das minhas recordações, que é a memoria de minha mãe, que nunca mais lhe fallarei de mim! Ouço-a com deleite; quando falla, pende-me a alma dos seus labios; escutarei os seus prazeres e as suas magoas, sorrerei ou chorarei comsigo! Depois era justo assim! Quem tem soffrido tanto devia também fazer soffrer... e eu só agradeço a Deus de ser o martyr escolhido para expiar os seus passados soffrimentos.

— Oh! meu Deus! balbuciou a menina, ás vezes chego a ter remorsos...

— Não me disse que o coração se não domina? Mas impõe-se-lhe silencio! Se não posso vencer este affecto, posso calal-o..., continuou Manoel, que não escutára a interrupção de Maria.

A melopeia d'aquelle dialogo, o sussurro do arvoredado, o silencio da noite, a magestade da solidão haviam-me ido embalando de tal modo que começava a adormecer. Visões encantadoras começaram então a povoar-me o espirito em forma de sonho. Via Maria, bella e radiante, cercada da aureola de luz da virtude e da affeição, sorrir affavel para o meu amigo, estendendo-lhe a mão em signal de alliança e dizendo-lhe com infinda meiguice: — Creio já, meu amigo, o calor do seu affecto fundiu-me os gelos que a desventura me havia accumulado sobre o coração... E Manoel embriagado pelas harmonias d'aquella voz, sentia dilatarem-se-lhe os pulmões com o ar da felicidade. Em torno córos de anjos entoavam hymnos, as flores engrinaldando o espaço rescediam com insolitos perfumes, os astros mais scintillantes vinham illuminar a scena com os seus fachos, e as aves do céu em gorgeio unisono entoavam o hossana em louvor do Eterno.

Mas era sonho, que se esvaiu com a primeira lufada de vento que me despertou... e então ouvi dizer a Maria, meiga sempre, mas sem o sorriso affavel que o sonho lhe emprestára.

— Não posso! Espere... espere muito! Dez annos talvez... e se poder amal-o-ei então.

Esperar! repeti eu comigo, esperar é o primeiro arrebol da felicidade, é o arco iris da bonança do coração... embora tão distante venha!

— Esperarei! replicava Manoel no afogamento dos soluços.

— Correm depressa as horas, dizia, com o seu timbre infantil e argentino, a respeitavel velhinha que findára a prece. É tarde! vou recolher-me. Boas noites! Os velhos buscam o repouso. É para a mocidade o prazer e o amor. Gosem e amem em quanto estão na primavera da vida, como a natureza toda ama também na primavera do anno.

Havia n'aquellas palavras uma certa gravidade solemne, que muito se casava com as circumstancias do momento.

Recolhidos á nossa cella não tive uma palavra

sequer que dizer ao meu amigo. E que ha dores para as quaes nem a mais estreita amisade encontra balsamo. Lagrimas teve-as elle de certo!

No dia seguinte Maria e Manoel de... appareciam entre os bathistas, alegres, risonhos, festejados e indifferentes. Ninguem encontrára uma ruga mais na fronte do mancebo, nem o vestigio de uma lagrima na face da donzella. Só a santa velhinha os olhava com mais caricia, e eu com maior respeito.

## VII

O tempo tem-se precipitado no seu vortice inexoravel. A minha historiasinha precisa de um fim.

São volvidos oito annos. Menelau espera ainda conquistar a sua Helena, sem que por isso branda iroso o facho da guerra; Jacob continua a servir para alcançar a posse de Rachel... satisfeito só de que ao cabo dos sete primeiros annos não houvesse Labão que traçoira e desgraçadamente o onerasse com a não desejada posse de uma Lia.

Continua tudo na mesma! a isenção de Maria e a perseverança de Manoel. Elle amando-a cada vez mais, ella mais formosa cada anno como a rosa totalmente desabrochada ao calor do meio dia, que de manhã se mostrára apenas como entre-aberto botão e que vê longe ainda o desfolhar da tarde... ella cada vez mais meiga e extremosa, pagando em amisade o que em outra affeição recebe, mas não tendo ainda no coração um raio de luz que lhe dissipe as trevas da duvida que lhe obscurecem as crenças!

E o mundo a julgal-os felizes, alegres e indifferentes!!

N'este derradeiro inverno chamou Deus á sua presença a santa velhinha que nos ultimos annos tanto se affeioára a Maria, que fôra confidente das suas magoas mais intimas. Finou-ss como vivera, tranquillã e boa, entre os braços da sua joven amiga, a quem consagrou, com as ultimas palavras, o derradeiro alento:

— A vida é breve, minha filha, e as horas de soffrimento são longas: o amor suavisa-as e encurta-as... ama-o que o merece...

Maria tomou luto nos trajos e na alma pela morte da sua antiga amiga.

(Continua)

C. B.

## IGNORANCIA E SUPERSTIÇÃO DOS ARABES ETHIOPES

Para os arabes não ha historia nas ruinas; na sua imaginação formam a morada das fadas e dos genios quando o logar é risonho e animado, e de espiritos e gnomos quando o aspecto é triste e sombrio. A avareza não lhes deixa ver nas escavações sobterraneas senão os thesouros que ali suppõem escondidos. O sabio europeu, que deixou a vida tranquillã da sua patria para ir ao deserto, procurar, á custa de mil privações e fadigas, algumas paginas perdidas dos annaes do genero humano, alguns vestigios de uma civilisação extincta, não é para elles senão um feitiçeiro das mil e uma noites.

Um arabe, na ilha de Argo, perguntou a um sabio viajante inglez, Mr. Hoskins, se estava contente com os thesouros que tinha colhido na sua viagem; depois dirigindo-se ao arabes que o es-

cutavam contou-lhes: «que tendo um dia acompanhado uns inglezes ás ruínas de Denderah, que estes pozeram a mão sobre um rico thesouro; mas o diabo appareceu-lhes de repente e declarou-lhes que nada levariam d'ali sem que primeiro lhes fizessem presente de um bom melão para se refrescar; era barato, mas os inglezes ficaram muito embaraçados por não haver melões nas ruínas de Denderah. Pediram então ao diabo que accitasse algum outro presente, ao que elle não annuo. Os inglezes que não queriam perder o thesouro, enviaram um dos seus a *Kenneh* com ordem de comprar o maior melão que houvesse no paiz; trouxeram um enorme que se apressaram em offerecer ao diabo. No mesmo instante caio sobre os inglezes uma chuva d'ouro tão abundante que foram obrigados a tomar um barco *dongolah* para transportar este thesouro ao Egypto.» O arabe contava esta fabula com a consciencia da persuasão, e affirmava sobre a sua barba e pelo nome sagrado do propheta a veracidade da sua narrativa.

### UMA OBRA DO SECULO IX

(Continuado de pag. 20)

#### CAUDILHOS ARABES QUE REINARAM EM SPANIA

79. O referido Muza-Iben-Muzeir que entrou em Spania, reinou I anno e III mezes.

Abdelaziz-Iben-Muza, reinou II annos e VI mezes.

Aiub, reinou um mez.

Alhor, reinou II annos e X mezes.

Zama, reinou III annos.

Abderahaman, reinou I anno.

Hodera, reinou I anno.

Jahia, reinou I anno e VI mezes.

Hodiffa, reinou VI mezes.

Autuman, reinou IV mezes.

Geleitam, X mezes.

Abdelmelic, reinou II annos.

Acuba, reinou IV annos e V mezes.

Abdelmelic, tambem reinou I anno e I mez.

Abul-Hatar-Iben-Dimari, reinou II annos.

Tauba, reinou I anno e II mezes. Total XXVII annos e XI mezes.

Estes caudilhos permaneciam pouco no governo; succediam-se uns aos outros segundo dispuinha o Almiralmanminin. Nenhum delles foi governador vitalicio, até que vieram a Spania os Venihumeia.

#### SEGUEM AQUI OS REIS QUE REINARAM EM CORDOBA, DESCENDENTES DE VENIHUMEIA

80. Juzef reinou XI annos.

Abderrahaman-Iben-Mavia, reinou XXXIII annos.

Eiscam, reinou VII annos e VI mezes.

Alhacam, reinou XXVI annos e VI mezes.

Abderahman, reinou XXXII annos e VI mezes. Este alcançou muitas victorias reinando em Spania Ordonio, principe dos Christãos.

Mahomath, reinou por espaço de XXXII annos. Neste tempo Abahalit, general do seu exercito,

como já indicámos no cathologo dos nossos reis, foi feito prisioneiro nos confins da Galecia, e apresentado ao nosso rei Alefonso em Oveto. Os christãos alcançam muitos triumphos em Spania.

Nos annos da dominação dos Arabes em Spania CLXVIII, e no dia III dos idus de novembro, principia o cento e setenta da predica do iniquo Mahomat em Africa; são CCLXX na era que corre de DCCCCXXI.

(Continúa)

### RASGO FATAL DE AMOR FILIAL

A princeza Amelia de Inglaterra succumbio em 1811 a uma longa e dolorosa enfermidade. Esta perda teve funestas consequencias. Adorada de toda a sua familia, recebendo de todos os mais ternos cuidados, sensivel sobretudo ao affecto do rei, seu pae, e querendo deixar-lhe um signal do seu, pedio que fossem chamar um joalheiro, ao qual ordenou que fizesse, na sua presença, um anel de cabello engastado em ouro, fazendo gravar sobre a chapa esta inscripção: *remember me after I am gone* (Recordae-vos de mim quando deixar de existir.) Ella mesmo metteu o anel no dedo de seu pae. Esta prova foi assás forte para o seu já dilacerado coração, em consequencia do incessante padecer de sua filha, e na mesma noite em que a princeza expirou, o rei Georges III, caio em excessos de loucura de que não saio mais.

### O BILL DO PEIXE

Comer peixe era em Inglaterra, no tempo de Elisabeth, um signal de catholicismo e por consequencia de reprovação. A phrase popular para designar um grande patriota era: «É um honrado homem, não come peixe.» Esta phantasia do fanatismo anglicano podia ter tido as mais funestas consequencias. Foi preciso para animar a pescaria que o parlamento ordenasse o uso do peixe multos mezes do anno. Chamava-se a esta época a quaresma de Cecilio (*Cecil's fast*) nome de um dos primeiros ministros da rainha de Inglaterra, precisamente aquelle que havia feito passar o *bill*.

Para impedir que se tornasse a cair n'um prejuizo tão contrario á marinha e á fortuna da ilha, formou-se uma corporação de mercadores de peixe á qual se filiaram os principes da familia real, filiação que deu lustre, e firmou mais a solidez d'esta instituição.

### PENSAMENTOS

Para que um pensamento mereça ser publicado é preciso que seja justo, que encerre o germen d'uma consequencia util e que seja de tal modo claro que a rasão o comprehenda n'um instante sem o auxilio da memoria. Quanto á expressão deve ser tal que seja impossivel ajuntar ou diminuir uma só palavra sem lhe fazer perder a precisão ou a energia. DE LÉVIS.

• D'um espirito justo não saem senão idéas uteis.

• Não ha nada peor do que ter pouco espirito e muito desejo de o mostrar.